



ANO 52 - JULHO A SETEMBRO 2012 - Nº 198

OS SETE SINAIS NO EVANGELHO DE JOÃO

7. A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

João capítulo 11 versículo 1 até 44

Nos primeiros dez capítulos deste Evangelho, Jesus se revelou como sendo o Filho de Deus em um círculo cada vez maior. Começando pelo casamento de Caná onde havia os convidados e também os Seus discípulos, aprendemos que os discípulos creram nEle. Na festa dos Tabernáculos e na festa da Dedicção, Ele se apresentou à nação inteira e foi rejeitado pelos seus líderes religiosos: as Suas obras (5:16), as Suas palavras (8:58-59) e a Sua pessoa foram todas rejeitadas (10:30-31).

Este capítulo consiste num intervalo: o ministério público do Senhor Jesus estava virtualmente completo e Ele se afastou para dedicar-se a um ministério privado. Os eventos registrados aqui aconteceram entre a festa da Dedicção e a Sua última páscoa, entre dezembro e abril.

Seguindo o propósito deste livro (escrito “para que vocês criam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, crendo, tenham vida em seu nome”

capítulo 20:31 NVI), vamos agora ter a evidência de que Jesus tinha até mesmo poder sobre a morte.

Lázaro, uma abreviação de Eleazar (quem Deus ajuda), e suas irmãs Maria e Marta moravam em Betânia (casa de tâmaras), descrita por historiadores como cidade notavelmente bonita, perfeita para aposentadoria, repouso, isolamento e deleitosa paz.

Deduz-se que Marta (amargura) era viúva, a mais velha dos três e dona da casa onde viviam. Isto pode explicar porque era impaciente, agitada, ansiosa para ser útil provendo as melhores coisas para o uso do Mestre, em contraste com a seriedade mais quieta de Maria, que se interessava mais na oportunidade de sentar-se aos Seus pés para aprender d’Ele. Fica bem esclarecido aqui que esta Maria foi a que ungiu os pés de Jesus, e os enxugou com os seus cabelos no capítulo 12:1-8, pelo que se tornou famosa como tinha predito o Senhor conforme Mateus 26:13. Ela definitivamente não era a Maria Madalena de Lucas 8:2, nem a

mulher pecadora de Lucas 7:36-50, como consta de uma tradição lendária.

As irmãs enviaram uma mensagem ao Senhor, simplesmente informando: “Senhor, aquele a quem amas está doente” (NVI). Não exigiram nada, mas deixaram o assunto ao Seu cuidado. Presumivelmente Ele ainda se encontrava em Betabara além do Jordão (capítulo 10:40).

Ele explicou aos Seus discípulos que esta enfermidade não acabaria em morte (como consequência final: Lázaro morreu, mas por pouco tempo), mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus fosse glorificado por ela, e continuou onde estava por mais dois dias: Ele sabia exatamente o que ia acontecer! Ele amava Lázaro, contudo permitiu que adoecesse e até mesmo morresse.

O Senhor Jesus não era motivado por sentimentos emotivos mas por um amor superior, não só para o bem daquela família mas acima disto, para a glória de Deus. Temos que aprender a confiar n’Ele ao descer pelo vale, até mesmo pelo vale da sombra da morte, sabendo que Ele age bem em tudo. Acima e além das lágrimas, das tristezas e das tentativas de sobreviver, veremos que Deus tem um propósito em tudo o que acontece. Nada entrará em nossas vidas sem a Sua permissão, e se Ele permitir vai ser para a Sua glória.

Decorridos os dois dias, sabendo que Lázaro estava agora morto, o Senhor chamou os Seus discípulos para voltar para a Judeia, avisando-os disto.

O Pai tinha dado para o Filho um trabalho para fazer dentro de um determinado tempo, por isso nada O

poderia deter antes de ser realizado, tão seguramente quanto há doze horas em cada “dia” (em contraste com “noite”). Se estivermos vivendo em Sua luz, ninguém, nem mesmo Satanás, pode interferir com o propósito de Deus para nós, tão seguramente como também ninguém pode mudar a hora do pôr-do-sol. Podemos entrar na zona de perigo com Ele e não seremos tocados. Mas os que não O seguem estão na escuridão da noite e em perigo de tropeçar porque Ele é a Luz do Mundo.

O uso pelo Senhor da palavra “sono” como uma metáfora para a morte do corpo não foi compreendido pelos Seus discípulos, portanto Ele explicou. O corpo de Lázaro foi posto para dormir, e ser despertado por nosso Senhor. A mesma metáfora é depois usada por Paulo (1 Coríntios 11:30, 15:51, etc.). A alma, porém, não dorme (veja 2 Coríntios 5:8).

Como tinham ainda recentemente escapado da ira dos judeus em Jerusalém (capítulo 10:39) para este refúgio em Betabara, os discípulos estavam convencidos de que iam enfrentar a morte, mas corajosamente concordaram em ir com Ele, conforme decidiu Tomé (a palavra em arameu para Tomé significa “o Gêmeo”, sendo Dídimo a tradução para o grego; claramente Tomé tinha um irmão gêmeo ou irmã). Os discípulos dispuseram-se a morrer com Ele.

Chegaram a Betânia quatro dias depois da morte e sepultamento de Lázaro (era costume judeu fazer o sepultamento no mesmo dia da morte) e descobriram que muitos dos líderes religiosos, não necessariamente os que eram hostis ao Senhor Jesus, tinham

vindo consolar Marta e Maria durante os sete dias de luto solene (1 Samuel 31:13).

Marta foi encontrar o Senhor assim que ouviu que estava vindo, mas Maria estava sentada em casa: ambas agiram de forma típica (Lucas 10:38-42). Marta era a mulher de ação, e enquanto revelava uma fé maravilhosa, também estava impaciente para ver o que o Mestre faria sobre o que parecia ser um enorme desastre, devido à Sua demora em vir. Ela ainda tinha fé corajosa no poder de Deus através do Senhor Jesus, e Ele praticamente repetiu mais tarde o que ela disse aqui (versículo 41). Maria ficou em casa, aguardando com paciência a chegada deles.

O Senhor contou a Marta que o seu irmão haveria de ressurgir, mas ela julgou que Ele se referia à ressurreição final dos justos e dos injustos (Daniel 12:2). Como cria na verdade das Escrituras, ela cria nesta ressurreição e essa consolação provavelmente era comumente oferecida naquele tempo como é agora; mas ela estava esperando algo mais do Senhor.

A resposta dEle foi impressionante: não só confirmou a doutrina sobre eventos futuros, mas declarou a realidade sobre Si próprio. Jesus já tinha falado antes sobre a ressurreição futura (capítulo 6:39), mas agora explicou que Lázaro ainda estava vivo: “quem crê em mim, ainda que morra (morte física), viverá (em espírito e alma); e todo aquele que vive (fisicamente), e crê em mim, jamais morrerá (da morte espiritual, que é a separação eterna de Deus)”. Lázaro estava vivo em espírito e alma porque cria.

O Mestre exigiu de Marta que declarasse se ela cria no que Ele dizia. Se Marta realmente entendeu tudo o que Ele disse e o que significava não sabemos, mas ela não lhe fez nenhuma pergunta: confiou n’Ele e fez a sua própria confissão de fé: Ele era o Messias, o Filho de Deus que devia vir como havia sido profetizado.

Depois de dizer isto, ela foi e chamou Maria discretamente para fora de casa e longe da multidão, para lhe contar a alegre notícia: “o Mestre está aí, e te chama”.

Maria veio imediatamente até Jesus. Ele não tinha entrado na cidade, talvez para não chamar atenção para Si. Maria O reprovou, como Marta, por não ter vindo a tempo de evitar a morte de Lázaro. A multidão a seguiu para fora, supondo que ia até o sepulcro, para chorar. A lamentação de Maria aos pés do Senhor era genuína, a dos judeus era em parte superficial e profissional e provavelmente um choro audível.

O Senhor sabia que Lázaro seria restituído à vida, mas se comiserou tanto das irmãs e da multidão que também chorou com elas (v.33), pois a morte é uma coisa terrível para os que ficam para trás. Os judeus pensaram que estava lamentando por Lázaro, e alguns deles, como as irmãs, estranharam que não tivesse vindo para curá-lo, como curara o homem cego, o que evidentemente os deixara impressionados.

Ainda comovido, Jesus foi à gruta usada como sepulcro e mandou que tirassem a pedra posta em sua entrada. Marta protestou que cheirava mal porque estava morto havia já quase quatro dias, mas o Senhor apelou para a sua fé, pois já lhe havia dito que, se

cesse, ela veria a glória de Deus. Referindo-se a uma comunicação prévia que havia tido com o Pai, Ele agora orou para o benefício daqueles que se encontravam em volta, sem qualquer encantamento ou “luta em oração”, mas simples palavras de ação de graças, manifestando assim que o que havia de se seguir era um sinal de que Deus O havia enviado.

O Senhor Jesus então chamou Lázaro em voz alta, mandando-o sair do túmulo. Ele imediatamente obedeceu ao seu Criador, pois instantaneamente se restabeleceu em corpo, alma e

espírito e voltou à vida.

Terminamos assim nosso estudo dos sete “sinais” escolhidos pelo apóstolo João inspirado pelo Espírito Santo, dentre muitos outros operados por Jesus na presença de Seus discípulos. O seu objetivo foi “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20:31). Ele nos deu a sua evidência, que é um testemunho pessoal. Fica com o leitor a responsabilidade de crer, para a sua salvação e felicidade eterna.

R. David Jones

O OBSCURO MUNDO DOS PRESSÁGIOS (10)

Chegamos à penúltima crônica desta série iniciada em abril de 2010, cujo mote, dentre outros, era o indício de que algo extremamente trágico estaria para acontecer com o nosso planeta em face de certos presságios contidos em um equivocado calendário da antiga civilização Maia, que não passava de uma mera adivinhação, como as demais que sempre existiram, e estava fadada ao fracasso. Todo alarde existente em torno desse agouro foi com o objetivo do ganho fácil por parte dos exploradores da credulidade e do misticismo reinantes nas mentes desavisadas que não creem nas revelações de Deus. Estas, sim, verdadeiras, porém são tratadas como se lendas fossem.

Houve uma exacerbada exploração desse tema através de filmes, documentários e livros e muitos se enriqueceram com essa falsa expectativa, chegando ao absurdo de compararem essas previsões com os acontecimentos conti-

dos no Livro do Apocalipse, estes, sim, verdadeiros. A realidade é que as autênticas previsões apocalípticas são de conhecimento de poucos, até mesmo daqueles que se dizem cristãos, face às inúmeras interpretações equivocadas que são dadas acerca desse Livro, que levam a uma tremenda confusão pelos muitos desatinos interpretativos.

Com a proximidade da data prevista para os acontecimentos contidos no citado calendário, surgem agora inúmeros comentários na base do “não será bem assim”: (1) que teria havido uma enorme confusão nas interpretações das previsões maias; (2) que não se deveria acreditar que haverá uma destruição total do planeta; (3) que acontecerá simplesmente uma mudança de ciclo que terminará em dezembro para começar um novo período; (4) que essa confusão foi provocada por alguns meios de divulgação; (5) que na mudança de ciclo que ocorrerá em dezembro

haveria apenas um novo “ordenamento” de astros que provavelmente poderia influenciar o funcionamento do planeta, mas isso não significaria que o mundo acabaria etc. Meu Pai, quanta tolice! Mas isso faz parte da natureza humana que se recusa em aceitar aquilo que foi revelado pelo Deus Todo-Poderoso, e se deixa envolver por credences de toda sorte, presságios e filosofias que não dão respostas à sua inquietude pela incerteza do porvir.

Quando Paulo escrevia aos cristãos em Colossos, ele os alertava para que tivessem cuidado a fim de que ninguém viesse a enredá-los com suas “filosofias” e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo (Colossenses 2:8). O que Paulo estava querendo dizer com “filosofia segundo os rudimentos do mundo”? Para ele a sabedoria humana é superficial porque tem o seu desenvolvimento imperfeito e incompleto por estar afastada e contrária à verdadeira Sabedoria que é aquela vinda de Deus. *“Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?”*, questiona Paulo em 1 Coríntios 1:20. Já disse o sábio do passado: *“O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino”* (Provérbios 1:7).

Por definição, filosofia, que literalmente significa “amor à sabedoria”, é o estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, aos valores morais do ser humano, dentre outros. Teoricamente, ao abordar esses problemas, a filosofia se

distingue da religião, pois sua ênfase é na teoria dos argumentos tidos como racionais; por outro lado, diferencia-se das pesquisas científicas por não recorrer aos procedimentos geralmente aceitos pela ciência.

Deixando-se de lado as definições humanas sobre “sabedoria”, ou seja, saindo do lugar-comum daquilo que tentam nos influenciar com vãs “filosofias”, o ponto central de toda filosofia engendrada pelos homens é que a criatura humana é um ser finito, limitado no tempo e no espaço, que sabe que vai morrer, assim como aqueles a quem ama. Logo, não pode se aquietar sobre essa situação sobremodo perturbadora e por isso cria inúmeras religiões que prometem uma possível “salvação”. Já houve quem dissesse que *“se as religiões se definem como doutrinas da salvação por um ‘outro’, ou seja, pela graça divina, as grandes filosofias poderiam ser definidas como doutrinas da salvação ‘por si mesmo’, sem a ajuda de uma divindade”*. Como foi dito por Paulo, *“a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles... O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos”* (1 Coríntios 3:19-20). Jamais o ser humano ou a sua mera religiosidade poderá redimi-lo perante Deus.

Esse, meu caro leitor, é o motivo da existência de tantas seitas e presságios, estes no sentido de adivinhar-se o futuro, pois grande é a angústia interior daqueles que não creem no Deus Verdadeiro, pois desconhecem de onde vieram e para onde irão após a morte.

Isso nos remete a Atenas. Lá estava Paulo aguardando a chegada de Silas e Timóteo que permaneceram em Bereia. Enquanto os esperava o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade. Em vez de ficar contemplando as belíssimas estátuas de mármore daquela quantidade imensa de ídolos, ele se preocupava com as pessoas que estavam a se deixar influenciar por aquelas pseudodivindades. Segundo William Arnot, “aos olhos de Paulo, a idolatria não era pitoresca ou inofensiva, ao contrário, extremamente atroz”, por afastar o homem da adoração a ser prestada exclusivamente ao Deus Vivo e Verdadeiro.

Paulo se angustiou profundamente com o que via e por causa disso não deixava de falar diariamente na sinagoga local para os judeus e os gentios piedosos; também o fazia na praça, todos os dias, entre os que lá se encontravam. Como não poderia deixar de ser, *“os filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição. Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?”* (Atos 17:16-19).

Pois então, quem eram esses tais filósofos? Os epicureus eram seguidores de Epicuro (341-270 a.C.), que definia a “filosofia” como a “medicina da alma”, cujo único objetivo era o de fazer os seres humanos entenderem que a morte não deveria amedrontá-los. A partir desse ponto de vista, ele sugeria quatro

remédios contra os males da mortalidade humana: “Os deuses não devem ser temidos, a morte não deve amedrontar, o bem é fácil de conquistar, o mal, fácil de suportar”, ou seja, deixe a vida levá-lo, pois o fim supremo da vida não estaria no conhecimento em si, mas nos “prazeres” que a vida poderia proporcionar. No papel isso fica até simpático de se ler, mas no dia a dia não funciona, pois a morte continua a ser uma cruel realidade e mesmo que os homens não revelem, isso angustia suas almas.

Por sua vez, os estoicos eram contrários a esse entendimento. Eles seguiam a doutrina de Zenão de Cício (335-264 a.C.), que se caracterizava por uma ética em que a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino eram as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade. O estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã, pela rigidez de princípios morais e resignação diante do sofrimento, da adversidade e do infortúnio. E lá estava Paulo a enfrentá-los, que com a estupidez reinante em suas mentes chamavam a Paulo de “catador de sementes” (tagarela) por pregar para eles um Deus que lhes era estranho.

Assim como em Atenas, onde pouquíssimos deram ouvidos a Paulo, os homens continuam acreditando em qualquer vento de filosofia, doutrina ou presságio, na tentativa de sufocar a sua intensa incerteza: Com a morte tudo acaba? Algo dentro deles diz que não. Deus colocou no coração do homem a eternidade sem que ele se aperceba como e quando ela se dará (Eclesiastes 3:11). Só há uma única forma de se ven-

cer a morte, através da obra redentora do Senhor Jesus. Por isso Paulo pôde asseverar com segurança: “*Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?... Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo*” (1 Coríntios 15.55-57).

A triste realidade, meu caro leitor, é que a humanidade, em sua imensa maioria, continua absolutamente a mesma, preferindo a loucura da prega-

ção dos entendidos do presente século em vez de atentarem para o que Deus tem revelado, ao contrário, questionam as Suas verdades pedindo provas de Sua existência. Todavia, para os que creem em Deus nenhuma prova é necessária, mas para os que não creem, nenhuma prova é possível. Você crê unicamente em Deus que nos foi revelado pelo Senhor Jesus, meu caro leitor? Permita Deus que assim seja!

José Carlos Jacintho de Campos

O VENCEDOR DO MUNDO

“Eu venci o mundo” — Jo 16:33

À primeira vista, esta alegação poderia parecer estranha e em desacordo com o “meigo e humilde Jesus”. Podemos mais facilmente imaginar isso como a forte jactância de um César, ou a orgulhosa presunção de um Hitler. Quem é este Jesus que fala assim? — um galileu em traje camponês, os Seus amigos pobres e caídos, sem distinção ou riqueza (Mt 8:20). Ele está prestes a ser acusado de sedição, ser zombado pelos soldados brutais, e depois morto da forma mais vergonhosa de execução pública. Mas nunca alguém falou com mais precisão do que Jesus quando disse: “Eu venci o mundo”. Ele falou, não conforme a ordem da carne, mas de vitória sobre um mundo de *maldade* moral e espiritual. Quando eu e você vemos *através* do exterior até o interior e espiritual, reconhecemos Jesus como o maior Vencedor na história.

O “mundo”, no sentido que Jesus disse, é o *sistema* do mundo de hoje, a ordem das coisas que prevalece pela ra-

ça humana, por causa do pecado do homem e a influência poderosa de Satanás, que é “o príncipe deste mundo”. O sistema de coisas que prevalece na terra nem é o que Deus instituiu originalmente nem propõe por último. O “mundo” é a soma de todas as posses, poderes e prazeres que esta vida terrena oferece, organizado sob a influência de Satanás, para poder deixar Deus do lado de fora, opor-se à Sua soberania, e conservar o coração do homem preso em coisas terrestres. Satanás tem usurpado um poder temporariamente permitido sobre os homens, e organizou o mundo da humanidade nos princípios de força, avareza, egoísmo, ambição, prazer. Ele organizou de tal forma para pôr Deus do lado de fora, e conservar as mentes dos homens presas em coisas mundanas. O presente sistema do mundo, já foi dito com verdade, aparentemente é imponente e poderoso, religioso, científico, culto,